

A tradução como estratégia de interculturalidade no ensino de língua estrangeira

Fedra Rodriguez Hinojosa, Ronaldo Lima

Universidade Federal de Santa Catarina

Índice

| | | |
|---|-----------------------------------|---|
| 1 | Introdução | 2 |
| 2 | Cultura e Interculturalidade | 3 |
| 3 | Tradução e educação intercultural | 5 |
| 4 | Considerações finais | 6 |
| 5 | Bibliografia | 7 |

Resumo

Tendo em vista de que a interculturalidade é uma forma de relação dialógica entre indivíduos de culturas distintas que visa superar as diferenças e integrá-las em uma unidade, o presente artigo discute a importância da educação intercultural no ensino de língua estrangeira (LE), baseando-se nas concepções de Mikhail Bakhtin sobre palavra estrangeira, contexto cultural e dialógico. Discute-se também aqui, o uso de ferramentas pedagógicas que podem ser utilizadas para enfatizar a relação entre língua e cultura, entre elas, a tradução, que no ensino de LE passou por diferentes momentos, ora aceita, ora banida, mas atualmente tem sido proposta sua reabilitação num conceito mais amplo. Em um enfoque pedagógico mais abrangente e mais crítico, a tradução pode ser adotada não apenas como exercício em sala de aula, mas como

prática para desenvolver no estudante de LE habilidades que lhe permitirão adequar-se à novas perspectivas: mundial e intercultural.

Palavras-chave: cultura, interculturalidade, língua estrangeira, tradução.

Abstract

Since interculturality may be defined as a dialogical relation between distinct cultures that intends to overcome the differences and bring people close together, the present article discusses the importance of intercultural education in foreign language teaching, based on Bakhtin's context and language concepts. This paper also aims to examine the use of pedagogical tools, such as translation. Although it has been an object of controversy in foreign language teaching, translation can be used in foreign language classes in a wider perspective, that is, not only as in-class exercise but also as a strategy to help students develop important skills that are required in a intercultural world.

Keywords: culture, interculturality, foreign language, translation.

1 Introdução

A estreita relação entre cultura e linguagem, seus aspectos subjacentes e sua importância no processo de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira tem sido motivo de recentes debates. Essas reflexões se intensificaram nas últimas décadas, devido ao incremento tecnológico, representado por novos métodos de comunicação como a internet e a formação de blocos econômicos internacionais que resultaram no fenômeno da globalização. Esses fatores atuando conjuntamente revelaram a necessidade de adaptação e adequação dos indivíduos às novas realidades vigentes no mundo e, nesse ponto, a compreensão dos conceitos de cultura e interculturalidade abririam diversos caminhos para a comunicação livre de estereótipos e preconceitos entre pessoas pertencentes a diferentes nações.

Como definido por Laraia (1986), a linguagem constitui um componente central no conceito de cultura e estabelece com ela uma relação dialética, pois, a comunicação é um processo cultural que por sua vez torna possível a existência da cultura como um complexo de conhecimentos, costumes e valores.

Diante do recente panorama de reconhecimento da interculturalidade como fator pedagógico importante, surgem novas propostas educativas ou resgatam-se outras que tinham sido postas de lado, visando restaurar paradigmas metodológicos que auxiliem no desenvolvimento e aprendizagem do estudante (Fleuri, 2003). Aproximando esses conceitos ao ensino de língua estrangeira (LE), o professor de LE pode e deve empregar ferramentas pedagógicas e desenvolver atividades em sala de aula que incentivem ao aluno a entrar em contato direto com os aspectos

sócio-culturais intrínsecos à língua alvo, passando a familiarizar-se com as formas de língua dentro de contextos, em situações cotidianas vividas por pessoas pertencentes àquela cultura, de acordo com as concepções bakhtinianas. Esse processo leva o indivíduo a uma análise crítica de sua própria língua e cultura, da concepção de alteridade e das semelhanças e diferenças entre nações (Motta Roth, 2003).

Dentre as ferramentas pedagógicas que podem ser adotadas para enfatizar a relação língua-cultura, a tradução se apresenta como uma importante prática, pois pode conduzir o aprendiz a refletir sobre as relações da LE com sua língua materna e outros idiomas, “numa dimensão sincrônica e cultural” (Benucci, 1994, *apud* Romanelli, 2006). No método clássico de ensino, no qual, o estudo da língua era centrado sobre as leis internas de funcionamento e elementos constitutivos em detrimento do componente lingüístico, a tradução era utilizada como instrumento metodológico central (Costa, 1988; Borg, 2001). Em contraposição ao método clássico surgiram outras metodologias de ensino, como o método direto, no qual se aprendia uma LE evitando ao máximo a presença de elementos da língua materna considerada empecilho para a aquisição da nova língua. Assim, segundo Costa (1988), a tradução significava trazer para a sala de aula tudo aquilo que deveria ser eliminado. Recentemente, porém, tem sido proposta a reabilitação da tradução no ensino de LE, numa concepção mais abrangente (Costa, 1988; Hurtado Albir, 1994). Numa visão mais ampla, a tradução reabilitada pode ser utilizada não apenas como exercício em sala de aula, mas como estratégia para desenvolver no estudante de

LE preparação e adaptação à nova perspectiva mundial através da interculturalidade.

Desta forma, o presente artigo tem como principais objetivos discutir a importância da interculturalidade no processo de ensino e aprendizagem de LE, fundamentada nos pressupostos teóricos de Mikhail Bakhtin e o papel da tradução reabilitada como uma estratégia pedagógica de grande utilidade na implementação de currículos interculturais.

2 Cultura e Interculturalidade

Definir o conceito de cultura sempre foi uma questão controversa, ao ponto de existirem inúmeras concepções, sob diferentes perspectivas e vertentes epistemológicas. Entretanto, segundo Scollon & Scollon (1995), num sentido antropológico, a cultura pode ser definida como o conjunto de costumes, língua, idéias, organização social e histórica comum a um grupo de pessoas e que lhes concede uma identidade particular. É justamente por ser composta de diversos elementos, a cultura apresenta caráter dinâmico e está em constante renovação, sendo construída através da interação social entre várias identidades, nas quais a língua atua como sistema semiótico mediador (Shi-xu & Wilson, 2001; *apud* Motta Roth, 2003). O diálogo que se estabelece entre indivíduos pertencentes a distintas culturas se manifesta como uma busca pelo “outro”, num processo de comunicação imprescindível, como na concepção de Umberto Eco apresentada num tratado sobre semiótica (Eco, 1975, *apud* Agra 2007):

[...] a cultura, como um todo, é um fenômeno de significação e comunicação e humanidade e sociedade só existe a partir do momento em

que se estabelecem relações de significação e processos de comunicação.”

Da mesma forma que o conceito de cultura, os termos “interculturalidade”, “multiculturalidade” e “transculturalidade” têm sido frequentemente usados numa diversidade de perspectivas. De acordo com Fleuri (2003): podem referir-se a relação entre grupos folclóricos, mestiçagem ou mesmo elementos transversais presentes em distintas culturas. Fleuri (2003) ainda amplia o conceito de interculturalidade e o define como uma forma de superar as barreiras culturais que separam do “outro”, construindo uma predisposição para a leitura positiva, para uma multiplicidade cultural e social capaz de promover a reconstituição do próprio indivíduo. Apesar da polissemia terminológica, considera-se educação inter ou multicultural o conjunto de propostas educacionais e pedagógicas que têm interesse de estimular relações de respeito e integração entre diversos grupos socioculturais, dentro de uma perspectiva dialógica.

Janzen (2002) aproxima o pensamento bakhtiniano dos pressupostos da interculturalidade no ensino e aprendizagem de uma LE e propõe como ponto chave de todo o processo pedagógico, a questão da alteridade, ou seja, o “outro” e seus elementos característicos como componentes essenciais na construção da identidade, no diálogo cultural e na ampliação de horizontes constitutivos de sentido do estudante. Assim, sob a ótica bakhtiniana, a alteridade define o ser humano, pois é no diálogo das diferenças que a pessoa se descobre como sujeito (identidade) e descobre o outro com relação a aspectos étnicos e culturais. Além disso, Bakhtin, em sua obra *Marxismo e Filosofia da*

Linguagem, defendia a idéia de que a palavra estrangeira desempenha um papel importante em todas as esferas da criação ideológica, sendo o veículo da civilização e da cultura e um instrumento de consciência (Bakhtin, 1997). O autor ressalta ainda, que a idéia do cruzamento de línguas e interferência lingüística como fator principal da evolução das línguas já tinha sido discutida por Marr no ensaio *As Etapas da Teoria Jafética* (1926, *apud* Bakhtin, 1997):

“A interferência em geral, como fator que provoca a aparição de formas e de tipos lingüísticos diferentes, é a fonte da formação de novas espécies [...]. A língua é uma criação da sociedade, oriunda da intercomunicação entre os povos provocada por imperativos econômicos; constitui um subproduto da comunicação social, que implica sempre populações numerosas.”

Entretanto, a palavra estrangeira, como qualquer signo cultural, não pode ser apreendida sem a consciência constituída, isto é, a concretização da palavra só é possível com a inclusão da mesma num contexto histórico e cultural real já conhecido e/ou apresentado ao estudante de LE. Assim, de acordo com Dornbusch (1997, *apud* Janzen, 2002), aquilo que se apresenta como estranho, no sentido de alheio, acaba por não produzir empatia, tornando o diálogo inviável e impossibilitando a formação de sentido e consciência da alteridade. A concepção de Dornbusch se fundamenta no conceito bakhtiniano de que a palavra, “sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial”, faz com que só possamos compreendê-la ou reagir a ela se despertarmos em nós “ressonâncias ideológicas”.

Reagrupando os conceitos propostos por Mikhail Bakhtin, passamos a reconhecer que a aprendizagem de uma LE, dentro de uma abordagem pedagógica intercultural e pós-estruturalista, representa a possibilidade de questionar a própria cultura levando à compreensão e interação com seu meio e à apropriação dos conhecimentos provenientes de outras culturas que acabam por resultar na formação de uma identidade rica e heterogênea, livre de preconceitos culturais e etnocentrismo (Walesko, 2006).

Apesar da relevância da educação intercultural em diversos aspectos, de acordo com Walesko (2006), muitos professores de língua estrangeira no Brasil negligenciam a importância da reflexão intercultural e, outros acreditam que o trabalho intercultural em sala de aula se limita ao desenvolvimento de atividades que contemplem conteúdos culturais de um dado local geográfico ou país. Tendo em vista essa realidade, Fleuri (2003) ressalta a necessidade de se repensar o papel do educador, já que o mesmo deve estimular as diferenças entre indivíduos e seus contextos histórico, cultural e social visando a troca de informações em diferentes níveis organizacionais. Para Fleuri (2003) ainda, o educador é um indivíduo que se insere num processo de ensino-aprendizagem e dedica “particular atenção às relações e aos contextos que vão se criando” e, nesses contextos, a programação didática e o currículo terão função essencial na educação intercultural.

Refletindo sobre a função do professor de LE em todo esse processo, Cantoni (2005) afirma que ao formular-se a questão de que a educação intercultural aproxima indivíduos de culturas distintas é de suma importância, nesse trabalho, que haja uma preparação para tal encontro, ou seja, o educador

deve encorajar o desenvolvimento de habilidades inter-relacionadas, como compreensão oral e comunicação, e de habilidades cognitivas relacionadas à visão crítica (Mittenburg *et al.*, 2002, *apud* Cantoni, 2005). Para promover o desenvolvimento de tais habilidades Shi-xu & Wilson (2001, *apud* Motta Roth, 2003) propõem um programa pedagógico em dois estágios: no primeiro, os alunos são levados a avaliar criticamente a própria língua e cultura e no segundo, o educador deve estimular a “força de vontade” moral para construir ações interculturais comuns com o “outro”. Em termos práticos, Motta Roth (2003) define como estratégias necessárias para criar representações sócio-culturais de um contexto de segunda língua a analogia entre culturas, a compilação e classificação da informação cultural na mídia e na literatura e a exploração de material cultural original. Desdobrando ainda este último item, a partir do mesmo é possível empregar a tradução em sala de aula, levando os alunos de LE a refletir sobre as relações entre a língua materna e a língua que estão aprendendo e também entre as culturas, num processo dialógico que visa se afastar do objetivismo abstrato ainda vigente no ensino de LE.

3 Tradução e educação intercultural

A Metodologia Tradicional (MT) de ensino de LE, que se baseava nos modelos grego e latino e utilizava as regras de gramática, tradução e emprego de textos literários em sala de aula, privilegiava as leis internas de funcionamento da língua, desconsiderando as habilidades comunicativas (Borg, 2001). Aos

poucos, essa metodologia de ensino foi perdendo espaço para outras que se seguiram, como a Metodologia Direta e a Ativa, que excluíram a tradução das classes de LE. O uso aleatório e muitas vezes ineficaz da tradução em sala de aula contribuiu para que esta ferramenta pedagógica fosse considerada prescindível pelos métodos que seguiram a MT. Entretanto, no início dos anos 80, surge a Abordagem Comunicativa (AC) como novo método de ensino de LE e passa a interferir de forma positiva no papel da tradução e sua prática em sala de aula, pois este método é constituído de quatro componentes, sendo um deles discursivo, de forma que com a AC volta-se a considerar a questão do conhecimento e apropriação dos diferentes tipos de discurso, bem como sua organização (Borg, 2001; Lima, 2007, *in prelo*). Atualmente, a tradução sob uma nova ótica, volta a ser considerada como “um dos meios mais eficientes de se estar permanentemente atento às diferenças em relação à língua e à cultura estrangeira” (Costa, 1988). É nesse ponto que a tradução como ferramenta pedagógica se mostra de grande valia na educação intercultural, pois como ressalta Agra (2007):

[...] a tradução não está ligada à significação como a encontramos no dicionário, ou seja, a associação do significado ao objeto do mundo ao qual a palavra se refere ou a descrição das propriedades do seu referente, mas sim, aos sentidos culturalmente construídos, ao subjetivo, a visão de mundo de cada indivíduo.”

Sob essa ótica, a tradução pode ser muito útil para superar as barreiras construídas por preconceitos culturais e pelo etnocentrismo e

passar a representar uma perspectiva pedagógica para a alteridade. Lima (2007, no prelo) destaca os aspectos positivos da tradução no ensino de LE, entre eles, a ampliação da cultura e acesso a diversas informações que levam à elaboração de conhecimentos plurais e o aperfeiçoamento da precisão e clareza de expressão na língua materna. Outros aspectos relevantes do ponto de vista intercultural incluem o desenvolvimento de estratégias perifrásticas e a geração de pensamentos comparativos entre a LE e a língua materna, permitindo ao aluno questionar a própria cultura e construir identidade e consciência.

Considerando-se as vantagens da tradução como estratégia pedagógica intercultural e a crescente demanda por uma integração global, o professor de LE pode introduzir a tradução nas classes de diversas maneiras. Costa (1988) sugere que a tradução de trechos de textos em LE para a língua materna é um recurso proveitoso não apenas para avaliar a competência escrita do aluno, mas também sua compreensão de características distintas entre sua língua e cultura em relação à língua e cultura estrangeiras. O mesmo autor ainda sugere que uma tarefa em sala que pode ser de grande valia no aspecto lingüístico e cultural é o exame de traduções, que consiste em solicitar aos estudantes de LE que façam uma tradução de um texto e que comparem com uma tradução existente, ou ainda, que comparem a tradução que fizeram com as que foram elaboradas pelos colegas. Atkinson (1993, apud Romanelli, 2006) propõe também que os alunos realizem a correção de um texto que foi traduzido de forma incorreta, de modo que, o estudante passe a se envolver com a cultura de partida e de chegada, para que traduza sentidos de cultura a cultura, perceba os equívocos da tradução e

suas interpretações errôneas, pois a “tradução é um evento transcultural” (Agra, 2007).

Lima (2007, no prelo) ressalta que a tradução está diretamente ligada à leitura de um texto, assim, quando o professor de LE entrega um texto a seus alunos para que seja lido e traduzido por eles, automaticamente novos sentidos são produzidos e nesse momento a discussão dos aspectos interculturais presentes e o exercício da tradução se colocam a serviço da alteridade. Além disso, o exercício da tradução de um texto pode ainda ser precedido por atividades que ampliem o universo cultural do aluno, como debate de características da cultura estrangeira presentes no texto que se distinguem da realidade cultural dos estudantes ou ainda aplicação de mapas conceituais, também chamados de mapas semânticos, que permitam uma visualização plena das variantes culturais, num processo de enriquecimento que leva à formação de consciência e identidade.

4 Considerações finais

Diante do panorama mundial presente, de avanços tecnológicos e globalização, os aspectos culturais se tornaram alvo de discussões nos mais diversos campos de atuação, especialmente no campo do ensino. Deste modo, a preocupação com o “outro”, a busca pela superação de barreiras que separam e o desenvolvimento de um processo dialógico que permite a formação de uma identidade rica e heterogênea, livre de preconceitos culturais e etnocentrismo, tornou-se marca registrada da realidade atual. O presente artigo considerou os diversos fatores que envolvem o ensino intercultural e as ferramentas que podem ser utilizadas, como a tradução, bem como sua importância no ensino

de LE. Devemos ressaltar que esse diálogo e preocupação com o “outro” é de grande importância, entretanto, não pode ser levado ao ponto da aculturação. Definida como um lado negativo da interculturalidade, a aculturação ocorre quando dois grupos de características sócio-culturais distintas entram em contato e um dos grupos passa a exercer uma forte influência e predominando sobre o outro. Este último curva-se a essa interferência, colocando de lado sua cultura e adotando as características daquele, num processo de descaracterização cultural e de identidade. Dessa forma, a riqueza que se encontra nas diferenças culturais e na linguagem se perde e a interculturalidade deixa de ter sentido. Por esta razão, consideramos aqui a importância das diferenças culturais e do diálogo intercultural não apenas como forma de conhecer o outro e evitar preconceitos, mas também de fortalecer a própria identidade cultural.

5 Bibliografia

- AGRA, K.L.O. A integração da língua e da cultura no processo de tradução. *Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação*, www.bocc.ubi.pt, pp 1-18, 2006.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 8ª ed. São Paulo, SP: Editora Hucitec, 1997.
- BORG, S. *La notion de progression*. Paris : Didier, 2001.
- CANTONI, M.G.S. A interculturalidade no ensino de línguas estrangeiras: uma preparação para o ensino pluricultural, o caso do ensino de língua italiana. *Dissertação de Mestrado em Letras*, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2005.
- COSTA, W.C. Tradução e ensino de línguas. In Bohn, I.H. & Vandresen, P.: *Tópicos de Lingüística Aplicada ao ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis, SC: Editora da UFSC, pp 282-291, 1988.
- FLEURI, R.A. Intercultura e educação. *Revista Brasileira de Educação*, n° 23, pp.16-35, 2003.
- HURTADO-ALBIR, A. Un nuevo enfoque de la traducción en la didáctica de lenguas. In: Traducción, Interpretación, Lenguaje, *Actas del III Congreso Internacional de Expolíngua*, Madrid: Fundación Actilibre, 1994.
- JANZEN, H.E. Interculturalidade e o ensino de alemão como língua estrangeira, *Educar*, n° 20, pp.137-147, 2002.
- LARAIA, R.B. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1986.
- LIMA, R. Reflexões acerca do ensino de tradução e da tradução no ensino: um universo de indagações, *no prelo*, 2007.
- MOTTA-ROTH, D. “Nós” e os “outros”: competências comunicativas interculturais no ensino de língua estrangeira. Trabalho apresentado na *Mesa Redonda “Multiculturalismo e ensino de línguas” no Fórum de Línguas Estrangeiras*. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 08 e 09 de setembro, 2003.

ROMANELLI, S. Traduzir ou não traduzir em sala de aula? Eis a questão. *Revista Inventário*, n° 5, pp 1-10, 2006. Disponível na web world wide em: <http://www.inventario.ufba.br/05/05sromanelli.htm>.

SCOLLON, R.; SCOLLON, S.W. *Intercultural Communication, a Discourse Approach*. Cambridge, USA: Blackwell, 1995.

WALESKO, A.M.H. A interculturalidade no ensino comunicativo de língua estrangeira: um estudo em sala de aula com leitura em inglês. *Dissertação de Mestrado em Letras*, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2006.